

Novos sujeitos políticos: uma análise comparativa entre os coletivos Vem pra Rua, Revoltados online e Movimento Brasil Livre.¹

Sabrina Ferrari da SILVA²
Eduardo Yuji YAMAMOTO³

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

Esse artigo pretende apresentar os coletivos antigoverno: Movimento Brasil Livre, Revoltados Online e Vem Pra Rua, que desde 2013 veem crescendo e ganhando adeptos e visibilidade, especialmente nas redes sociais. A pesquisa é feita através da busca de dados desses movimentos partindo de atores, agenciamentos e objetivos, com o intuito de compará-los e encontrar o que há de semelhante e dessemelhante no conteúdo publicado.

Palavras-chave

Ciberativismo; Redes Sociais Digitais; Análise de Conteúdo; Coletivos; Movimento Social;

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é entender, por meio de um estudo comparativo, os coletivos Vem Pra Rua, Revoltados Online e Movimento Brasil Livre que estão ganhando visibilidade no Brasil com manifestos, vídeos e discursos anticorrupção, nacionalistas e antigoverno.

O texto busca, por meio de análise do conteúdo, encontrar informações em comum e reuni-las para compreender esses três coletivos que são considerados novos sujeitos políticos. Há uma forma atual para fazer comunicação, através dela criam-se múltiplas interações que passam a definir como ocorre a estruturação desse molde comunicacional utilizado pelos movimentos sociais, principalmente na rede onde tudo é comunicável, ágil e compartilhável. Henrique Antoun explica como ocorreu essa mudança nos meios que antes eram feitas por um modelo fixo, palpável, etc. e agora são

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação multimídia, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR). Participante do Programa Institucional de Iniciação Científica (PROIC) da UNICENTRO. Email: sabrinaferraridasilva@hotmail.com.br.

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR). Orientador do trabalho.

compelidas em redes de fácil acesso, passaram do modelo informacional para o de comunicação distribuída.

Não se vive mais em sociedades de cultura unificada ou hegemônica cuja reprodução social se faz através de processos culturais homogêneos [...] Vive-se na fábrica social onde as populações lançam mão dos mais diferentes processos culturais em conflito (ANTOUN In ANTOUN, 2008a, p 12-13).

Antoun (2008) em “Web 2.0. e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural” apresenta uma visão desses novos agentes que começam a surgir juntamente com a popularização da internet e que precisam adaptar-se ao imediatismo que ela requer:

As páginas web foram construídas a partir da necessidade de se fazer de forma simples, fácil e dinâmica a produção de um documento virtual com o material produzido de modo independente e disperso sobre certo assunto [...] Com o jogo das massas está emergindo um novo dispositivo de poder que, ao invés de investir o corpo e sua anatomia, investe a vida e o movimento das populações. [...] Nesse início do século XX nascem a cibernética, o design, a informática, a microfísica; toda uma série de saberes que hoje constituem a face estratificada do diagrama do controle onde vigoram as novas relações de poder e suas resistências (ANTOUN, 2008b, p 235-243).

Com isso, compreende-se que os acontecimentos na política e na mídia que ocorrem atualmente – pautas de jornais e programas, matérias em blogs, *impeachment* de presidentes, grandes manifestações, etc. – tenham partido de alguma ação tomada por tais sujeitos, visto que a repercussão de seus atos vem afetando o país. A situação em que esses grupos se posicionam e se organizam demonstram como buscam seu reconhecimento nos processos em que estão envolvidos.

A busca por autonomia, seguidores, a influência criada dentro de seu campo de atuação, e que seguidamente arrasta multidões às ruas, pode colocar tais agentes como vetores importantes e influenciadores de opinião. Partindo disso, o trabalho apresenta a ação que esses coletivos exercem como agenciadores em diversas situações ocorridas no campo social. É necessária a visão dos acontecimentos que decorrem de enfrentamentos, organizações, etc. e compreendê-los em sua complexidade ao invés de delimitá-los em uma relação simples de causa e efeito.

O *corpus* da pesquisa é composto pelos textos produzidos por esses agentes por meio dos quais buscou-se seus modos de agenciamento e objetivos. O período de coleta é de janeiro a dezembro de 2016. A partir desse levantamento de informações prévias dos coletivos fizemos uma reflexão sobre os movimentos sociais e as novas mídias.

Com isso, tornou-se possível descrever e analisar o conteúdo desses textos (*website* de cada coletivo) para ordenar, problematizar e contextualizar seus discursos e ações no período selecionado.

MOVIMENTO SOCIAL

Os movimentos sociais são conhecidos por referir-se à ação social de um grupo que se organiza em prol de algo específico, em meio a situações políticas podem ter como objetivo a transição ou revolução de uma realidade. Segundo Maria da Glória Gohn (2011), a ideia antiga de movimento social compreende-o “na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas”.

Atualmente com o avanço da web e dispositivos de fácil acesso a informação há uma agilidade em relação a ação social e política, que possibilita aos cidadãos não apenas compreender a situação, mas participar. Gohn observa que os grupos se organizam por meio das redes e utilizam dessa nova forma de comunicação que abrangem maior público e interesse. Os acessos podem ser:

[...] locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. Por isso, exercitam o que Habermas denominou de o agir comunicativo. A criação e o desenvolvimento de novos saberes, na atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade (GOHN, 2011, p. 336).

Antoun (2008) explica que as massas são, sem dúvidas, um alvo dessa nova forma de fazer comunicação, deste modo, não se vive mais em uma sociedade considerada hegemônica, com ações e processos hegemônicos e sim em uma fábrica social onde a população se lança nos mais diferentes meios de processos em busca de autonomia. A compreensão dessas ações políticas que ocorrem atualmente partem do que o autor denomina como “comunicação distribuída”.

Nos anos 90, o poder integrador das páginas web e do universo que formavam trouxe para a comunicação distribuída a reunião dos diferentes movimentos em ações coletivas, seja para empreender uma luta comum, seja para construir uma atividade comum. A dinâmica da distribuição das informações e dos debates desenvolvidos pelos grupos de discussão se alia à gestão do conhecimento como um bem

comum de todos das páginas web e sítios virtuais. A paixão dispersiva das opiniões e ideologias e a paixão concentradora do consumo e dos gostos encontram sua remediação na mídia interativa de comunicação distribuída (ANTOUN In ANTOUN, 2008, p. 16).

Com esse novo conceito possibilitou-se novos meios de interação e debates através dos *websites*, redes sociais e pequenos *blogs* que abrem para os internautas diversas possibilidades de comunicação. Ilse Scherer-Warren com base em Cohen define os níveis de análise de rede que possibilitam seu empoderamento – são eles: organizacional, narrativo, doutrinal, tecnológico e social – a autora afirma que a rede deve incluir e integrar seus membros.

As redes de movimentos sociais, na atualidade, caracterizam-se por articular a heterogeneidade de múltiplos atores coletivos em torno de unidades de referências normativas, relativamente abertas e plurais. Compreendem vários níveis organizacionais – dos agrupamentos de base às organizações de mediação, aos fóruns e redes políticas de articulação. (SCHERER-WARREN, 2008 , p. 515).

A observação do surgimento de um movimento acontece a partir de sua capacidade de autoidentificação. Para Maria da Glória Gohn (2003, 2014), demonstram as insatisfações de grupos mobilizados contra diversas ações ao longo da história, e apresentam-se com manifestações diretas e indiretas.

[...] os movimentos sempre existiram e cremos que sempre existirão. Isto porque eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividade e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovação socioculturais (GOHN, 2003, p. 14).

Os movimentos sociais buscam através do apelo simbólico (práticas e discursos), reconhecimento e afirmação indenitária, se deparam com esses aspectos em ações grupais, quando encontram-se deixam de ser dispersos e desorganizados. Com isso, “ao realizarem estas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos de algo passam a sentir-se incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo” (GOHN, 2003, p. 16).

Hoje, a possibilidade aberta pela multiplicidade de dispositivos tecnológicos fez com que os movimentos sociais pudessem utilizar “diferentes partes destes diversos processos misturando-as e recombinaando-as em busca de sua autonomia” (ANTOUN,

2008, p. 13). Com base nas categorias e unidades escolhidas para organização e análise de dados observa-se que cada coletivo traz um procedimento textual diferente. Não obstante, trazem um ponto em comum: a agenda anticorrupção.

METODOLOGIA

Roque Moraes (1999), descreve cinco etapas para a realização da análise de conteúdo – o método escolhido para este trabalho –, quais sejam: preparação de informações; unitarização, categorização; descrição e interpretação.

A primeira etapa foi feita através de um levantamento de informações e análises preliminares para a organização dos dados de pesquisa. O Movimento Brasil Livre apresentou 547 notícias disposta na página inicial de seu *website*; o Revoltados Online apresentou 100 vídeos e pequenos textos com *hashtags* e o Vem Pra Rua 138 vídeos.

Os três possuem formas diferentes de divulgação do material, visto que o MBL busca textos que seguem o formato conhecido no jornalismo; notícias com título, fotos, assinatura do autor (postado por) e *tags* que identifiquem a matéria. Apesar da similaridade das postagens com material jornalístico, não há imparcialidade ou neutralidade no conteúdo. O RO investe em uma variação de pequenos textos e produtos audiovisuais, assim como o VPR utiliza-se de réplicas, vídeos e imagens que são feitos por terceiros, nem sempre apoiadores dos grupos.

A unitarização, nomeada por Moraes como “unidade de registro” ou “unidade de significado” (IBID), define o elemento unitário que será utilizado na classificação, ou seja, é a unidade escolhida para análise de semelhança e dessemelhança. A partir dessa etapa que se apresenta a força discursiva antigoverno, agenciadora de unidades menores, as quais, articuladas, podem produzir grandes efeitos.

A natureza das unidades de análise necessita ser definida pelo pesquisador. As unidades podem ser tanto as palavras, frases, temas ou mesmo os documentos em sua forma integral. Deste modo para a definição das unidades de análise constituintes de um conjunto de dados brutos pode-se manter os documentos ou mensagens em sua forma íntegra ou pode-se dividi-los em unidades menores (IBID).

A unitarização é a transformação do conteúdo em unidade e necessita da análise da unidade principal para dividi-la em unidades menores, onde cada uma dessas deve ser isolada. Moraes recomenda “Reler todos os materiais e identificar neles as unidades

de análise” (IBID.). A categorização é a etapa em que agrupa dados e considera-se o que há de comum entre eles. Os critérios para tal agrupamento podem ser,

[...] semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem. Cada conjunto de categorias, entretanto, deve fundamentar-se em apenas um destes critérios (IBID.).

A escolha pelas três unidades como “categorias temáticas” – agentes, agenciamentos e objetivos – propõe atestar as diferentes formas de distribuição de informação em cada *site*, permitindo que posteriormente criem-se novas categorias e novas pesquisas acerca desse conteúdo.

A etapa da descrição de dados acontece assim que “definidas as categorias e identificado o material constituinte de cada uma delas, é preciso comunicar o resultado deste trabalho. A descrição é o primeiro momento desta comunicação” (IBID). Nessa pesquisa a forma escolhida para apresentar os resultados foi através de uma tabela, como pode ser conferido abaixo:

	VPR	RO	MBL
1. Agentes	Rogério Chequer; Gustavo Gesteira; Adriana Balthazar; Janaina Lima Patrícia Mascarenha...	Marcello Reis; Deborah Albuquerque...	Kim Kataguri; Fernando Holiday; Renan Santos; Fabio Ostermann; Rafael Bolsoni; Juliano Torres; Hélio Beltrão Filho...
2. Agenciamentos	Site próprio, Facebook, Instagram e Twitter	Site próprio, Twitter Facebook	Site próprio, Facebook, Instagram e Twitter
3. Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Criticar o governo e seus sectários no contexto de uma suposta crise econômica mundial; - Livrar o país da corrupção, da incompetência gerencial e do autoritarismo; - Promover uma ética na política brasileira; - Defender a democracia; - Estimular o nacionalismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Eliminar o Partido dos Trabalhadores (PT) e prender o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva - Combater a corrupção e os políticos que governam em causa própria - Combater um suposto bolivarianismo no país; - Dar mais transparência ao dinheiro público. 	<ul style="list-style-type: none"> - Eliminar o Partido dos Trabalhadores (PT); - Combater a corrupção no país; - Buscar mais liberdade aos indivíduos; - Revelar e combater uma suposta “ditadura cubana” no país; - Estimular o nacionalismo.

Tabela 01 – Coletivos x Categorias temáticas

Fonte: Os autores⁴

⁴ As informações foram coletadas nos sites dos próprios coletivos (<http://www.vempraru.net/>; <https://revoltadosonline.blogspot.com.br/>; <http://mbl.org.br>) e nos seguintes periódicos:

INTERPRETAÇÃO

De acordo com o conteúdo publicado por Moraes, uma boa análise não deve limitar-se a descrição e orienta para a importância de “ir além, atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo [...]”. Seguindo o modelo proposto pelo autor apresenta-se a interpretação feita a partir das categorias temáticas.

Com relação aos agentes, o perfil dos coletivos apresenta maior visibilidade de líderes homens, com idade de 20 a 30 anos. Marcello Reis, RO, e Rogério Chequer, VPR, são exceções entre a faixa etária dos nomes que aparecem como fundadores desses grupos⁵. Apesar de colocar-se agressivamente acerca de alguns assuntos divulgados na página do RO, Reis consegue atingir o público jovem e ademais adeptos do movimento que não buscam informações aprofundadas ou uma crítica elaborada sobre o governo. Com textos rápidos, pontuais e uma forma pejorativa de retratar situações, suas frases apresentam certa violência na forma de comunicar: “Esse safado sem vergonha [...]”, refere-se ao ex-presidente como “sapo barbudo”, etc. O MBL e o VPR apresentam com menos evidência tais afrontas e utilizam uma linguagem mais formal: “fraude fiscal”, “prática criminosa de distribuir cargos”, “[...] não consegue ir a lugar nenhum sem ser vaiada”, etc.

Esses coletivos refletem a perspectiva de Gohn (2003), uma necessidade de pertencimento social e identificação com situações cotidianas. O VPR possui em seu discurso nacionalista tais características, “O nosso partido é o Brasil. Vem pra rua”, o que provoca nos brasileiros a necessidade de lutar por algo e de pertencer a uma multidão que busca o mesmo. Os grupos fogem da compreensão comum das estruturas de movimentos sociais conhecidas e estabelecidas por autores como Marx e Lukács, em contrapartida são organizados por uma liderança, programa e objetivos,

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html;
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/politica/1426471031_253793.html;
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1756887-movimentos-antigo-governo-nao-revelam-origem-e-volume-de-suas-receitas.shtm>; <http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1819583-em-sao-paulo-partido-novo-elege-lider-do-movimento-vem-pra-rua.shtml>;
<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/pagina-do-vem-pra-rua-curitiba-no-facebook-e-invadida-no-final-de-semana-d76ckkaezonf5silabwi81yi8>; <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/>.
Acessos em 20 jan. 2017; <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-13/bolsonaro-e-o-mais-indicado-a-presidencia-diz-integrante-do-revoltados-online.html>;
<http://pensoquepensologodesisto.blogspot.com.br/2015/01/os-golpistas-por-tras-do-revoltados.html> .
Acessos em 24 jan. 2017; <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>. Acesso em 27 jan. 17.

⁵ Até 2017, o líder do VPR tem 49 anos e o líder do RO, 40 anos. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37171468>. Acesso em 02 abr. de 2017.

que se baseiam em uma doutrina visando uma mudança, descrição presente em Scherer-Warren (1989). Dentre as reivindicações apresentadas está o pedido por “liberdade”, que os aproxima dos movimentos sociais do século XX, exceto por vincular uma situação individual que não seria utilizada coletivamente, ou, pelo bem social.

A escolha por plataformas digitais para disponibilidade de informações e convocações deixa visível a seleção do público específico, isto é, que possui fácil acesso a aparelhos digitais e acesso à *internet*.

Sobre as análises dos dados agrupados, o VPR, na aba *home*, disponibiliza 138 vídeos, desses 94 (68%) são produções feitas por artistas como Malvino Salvador, Maria Fernanda Cândido, dentro de sessões do congresso, debates, etc. Não se apresenta nesses produtos algo que identifique o movimento como uma logomarca, música de chamada ou algum dos integrantes transpondo sua opinião sobre determinado assunto. Essa aba traz a sensação de agilidade que a internet possibilita, uma vez que são vídeos curtos, com falas rápidas e que trazem no cabeçalho da página o link para *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Nessas redes o número de seguidores é de 1.546.628; 54, 2 mil e 74 mil respectivamente.

As chamadas para manifestações são feitas através de vídeos; é visível uma conversa com o público, os outros 44 vídeos apresentados no site são produções do coletivo, 23 desses vídeos são gravações internas no estilo *selfie* ou na forma convencional de gravação no interior de alguma instituição como o congresso; os outros 21 são em locais externos, como nas ruas no meio das manifestações (com logomarca, música, uma identificação do grupo, os produtos feitos com mais cuidado, etc.).

Na aba artigos, há 20 textos, desses 13 são assinados pelo coletivo ou com o nome de Rógerio Chequer. O uso da palavra corrupção é frequente como causa para mobilizar-se a favor do coletivo, assim como nos vídeos, em alguns momentos ela não aparece diretamente, mas o grupo deixa entender que esse é o motivo pelo qual estariam se organizado, “uma sociedade justa não pode aceitar a impunidade dos poderosos da República, sejam eles políticos ou governantes, empresários ou banqueiros, pois ninguém pode atuar à margem da lei”. Segundo o VPR a corrupção afligiu a esperança dos brasileiros, o que pode ter aumentado o sentimento nacionalista que fez crescer as manifestações e adeptos ao movimento.

O VPR define-se como suprapartidário (assim como o MBL), democrático, plural e preocupado com os rumos tomados pela política feita por cidadãos

“incompetentes, despreparados e sem compromissos com o país”. Além dos integrantes citados na tabela 01, cidadãos que seguem os coletivos nas redes sociais, o grupo recebe apoio de políticos, jornalistas, empresários e artistas. Essa aproximação feita com figuras importantes do cenário brasileiro atribui ao movimento identificação com o público, assim como o uso das cores verde e amarelo no site, intensificando um sentimento nacionalista frequente na cultura brasileira⁶.

Ao longo de seus vídeos, artigos e posts, o VPR ressalta o dever de “resgatar a esperança que foi sequestrada pela corrupção”, enquanto demonstram sua indignação com os políticos que estariam agindo de acordo com seus interesses, o que caberia aos cidadãos brasileiros corrigir. A possibilidade dessa correção é disponibilizada pelo coletivo através da participação de grupos no *Whatsapp* para comunicação e contribuição. Em contrapartida, o RO trabalha com a divulgação da conta de Marcello Reis, disponibilizada em grande parte dos textos postados na página do grupo. O MBL descreve-se como “uma entidade sem fins lucrativos”, porém, em seu site, os adeptos podem informa-se sobre a participação nos manifestos, filiar-se ao projeto por taxas de R\$30,00 a R\$250,00 e contribuir através do cartão de crédito ou boleto.

O *site* do Revoltados Online, apresenta características distintas dos outros dois coletivos. O *blogspot* é uma plataforma conhecida para os adeptos do *blog* o que justificaria elementos utilizados pelo RO (sublinhados, *hashtags*, *emoticons*, frases em caixa-alta, etc.). O uso de ofensas, palavras agressivas, acusações e pedidos de prisão são utilizados frequentemente, o que pode ter acarretado para que o coletivo tivesse sua conta no *Facebook* suspensa (únicos a ter perfil excluído)⁷.

Marcello Reis assina os textos publicados no site, abaixo do conteúdo disponibiliza telefone, *Whatsapp*, *Skype* e contas bancárias, convocando o leitor à participação e colaboração junto ao coletivo (mesmo que indiretamente). Dos produtos analisados, 100 ao total, apenas um vídeo não possui a autoria direta de Reis ou algo que identifique o grupo. Dois vídeos são animações que chacoteiam as olimpíadas

⁶ Sobre isso ver o livro de Marilena Chauí que consta nas referências bibliográficas: “O verdeamarelismo foi elaborado no curso dos anos pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do “país essencialmente agrário” e sua construção coincidem com o período em que o “princípio da nacionalidade” era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica. De fato, essa imagem visava legitimar o que restara do sistema colonial e a hegemonia dos proprietários de terra durante o Império e o início da República (1889)” (CHAUÍ, 2000, p. 32-33).

⁷ No dia 28 de agosto de 2016, a página do Facebook do RO foi retirada do ar. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/facebook-tira-do-ar-pagina-pro-impeachment-revoltados-online/>. Acesso em 02 abr. 2017. Esse fato tem sido utilizado por Marcello Reis para argumentar a sua tese de que o país vive hoje em uma “ditadura”.

realizadas no Brasil em 2016⁸, 19 possuem conteúdos de telejornais, discursos de delegados, etc., mas que contam com um comentário do líder ou algo que os identifiquem como pertencentes ao RO. O outros possuem Marcello Reis como a figura central, na página há 3 vídeos que não estão mais disponíveis.

Em seu material, o RO diz-se livre para a participação de todos os brasileiros, mas seu site é mais visitado por jovens e adultos com um perfil e uma visão política específica (o que se torna perceptível pela forma como constroem a produção textual). Por outro lado, políticos, celebridades e personalidades consideradas influentes como o escritor Olavo de Carvalho, são apresentados como apoiadores, o que demonstra essa identificação com o público alvo. Alexandre Frota, além de participar junto a Reis de uma reunião com o Ministro da Cultura, aparece em uma manifestação de 13 de julho em cima de um carro de som.

Em linhas gerais, o RO demonstra-se “revoltados com a falta de respeito com a nossa posição em sermos oposição”, seguem com a acusação de um governo que não deixa clara a forma como conduz o dinheiro público e o país, e possuem uma forma de apelo aos cidadãos, “contamos com você! Graças a deus não temos rabos presos e nem telhados de vidros. [...] precisamos da sua ajuda”.

Outra semelhança com *blogs* é a presença de apenas uma pessoa escrevendo e opinando nos textos publicados, essa característica dessemelha o RO do VPR e MBL. Algumas publicações se repetem diversas vezes em *posts* diferentes, como um vídeo intitulado “revolta geral contra Renan Calheiros”, o título da matéria põe em evidência outro fato, mas conclui com esse material que já havia sido utilizado em outras páginas.

O MBL diferencia-se dos demais coletivos por apresentar na sua estrutura organização e agenciamento feito por pessoas influentes, como jovens do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e do Partido Solidariedade (SD) que financiam panfletos e disponibilizam o uso de carros de som⁹. A estratégia seguida fica evidente com lideranças engajadas da política e em importantes meios de comunicação (Kim Kataguirí é colunista da Folha de São Paulo, Fernando Holiday e Ramiro Rosário

⁸ Animações que o grupo Revoltados Online publicou em seu site e sua conta do *Youtube*: https://www.youtube.com/watch?v=5gT_2dhGNhE; <https://www.youtube.com/watch?v=ntUc9hMCC28>

⁹ “Em uma gravação de fevereiro de 2016 a que o UOL teve acesso, Renan Antônio Ferreira dos Santos, um dos três coordenadores nacionais do MBL, diz em mensagem a um colega do MBL que tinha fechado com partidos políticos para divulgar os protestos do dia 13 de março usando as “máquinas deles também”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>. Acesso em: 27/01/2017.

vereadores das cidades de São Paulo e Porto Alegre, enquanto Paulo Martins é deputado federal).

As notícias publicadas não são datadas como em outras plataformas, as mais antigas trazem abaixo da foto que representa o assunto tratado “Posted by MBL Redação – 1 ano ago – Posted in Blog, Notícias” ou “Posted by MBL Redação – 10 meses ago – Posted in notícias”.¹⁰

Os textos do MBL possuem uma estrutura comunicativa interessante com discursos opinativos que não ultrapassam uma média de 350 a 400 caracteres (com espaços), o que os assemelha a *releases* de assessoria de imprensa, ou, postagens de redes sociais. Trechos de outros sites também são utilizados para dar mais credibilidade às informações noticiadas, “em artigo na Folha o ex-presidente, agora réu na Lava-Jato, diz que é inocente”. Há como complementação um *link* para blogs aliados, *tags* e meios de compartilhamento.

Em seu site, o MBL disponibiliza produtos com símbolos do movimento, assim como as datas das mobilizações. As convocações do MBL são semelhantes aos outros dois coletivos, buscam atingir o maior número de pessoas que compactuem com seus objetivos. Um dos intuitos apresentados é o fim do Partido dos Trabalhadores (PT), partido que, junto ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, estaria por trás da crise enfrentada atualmente, “após a queda do PT é preciso derrotar suas ideias e suas práticas. É preciso impor reformas que reduzam o estado, reduzam os impostos e aumentem a liberdade. É preciso libertar o Brasil”.

Outra questão apresentada em diversas situações é a ideia de indivíduo sofredor nas mãos do governo, “nem os mais desconfiados imaginariam tamanha crueldade lançada contra o povo”, que vai de encontro à forma como difundem o nacionalismo (amada pátria, amado Brasil, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conteúdo realizada sobre os três coletivos brasileiros antigoverno em 2016 (VPR, RO e MBL) verificou que esses possuem dessemelhanças que podem passar despercebidas pelo público, tais como a escrita de seus textos, as convocações, as cores utilizadas nos sites, as diferenças etárias entre os líderes, etc. Dentre as semelhanças

¹⁰ A primeira postagem do MBL é sobre uma matéria do jornal O Globo, de 27 de novembro de 2015, no qual notícia: “Dilma Rousseff decidiu seguir a orientação do TCU e vai fazer um novo contingenciamento do Orçamento de 2015”. Portanto, consideramos suas atividades comunicativas no site a partir desta data.

os interesses disseminados pelos grupos demonstram o repúdio ao governo, porém, nessa variedade de reivindicações, apresentam um objetivo comum: a desestabilização e a derrubada do governo. Yamamoto, observa que a ação resultante de grupos, em determinados momentos, tem como efeito prático a vetorização de uma força sinérgica. “O importante não é o modo como são convocados esses sujeitos, mas como eles se posicionam em relação ao instituído e o que daí se produz em termos de engajamento” (YAMAMOTO, 2016, p. 135).

A estrutura de cada *site* pode refletir na quantidade de apoiadores. O RO, até 05 de abril de 2017, contava com 7.001 curtidas no *Facebook* e 32.200 seguidores no *Twitter*; enquanto o MBL que possui uma estrutura mais organizada tinha 2.041.101 curtidas em seu *Facebook* e 63.600 e 56.200 seguidores respectivamente em seu *Twitter* e *Instagram*.

O alcance dos coletivos possui maior abrangência dentro do campo comunicacional do público que tem acesso a *internet*, mas isso pode se expandir com a comunicação diária, se considerarmos a teoria do fluxo comunicacional em duas etapas (*Two-Step Flow of Communication*), de Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet, a qual pessoas que possuem acesso à informação tornam-se líderes de opinião e influenciam às demais.

É fundamental perceber que a categoria “objetivos” evidencia o uso da palavra “corrupção” nos três coletivos. O RO cita 77 vezes em seus textos; nos 574 publicados pelo MBL é repetida 386 vezes; e no VPR, 138 audiovisuais e 20 verbais, 159 e 46 vezes – o material, (vídeos), produzido possui a palavra corrupção citada 54 vezes diretamente, mas ela aparece em imagens, (cartazes, pinturas corporais, pichações, etc.), 105 vezes.

Com o uso dessa palavra criam-se sentimentos e ações nacionalistas, induzindo a efeitos que auxiliam no corte de direitos sociais. Rejane Hoeweler e Demian Melo (In. DERMIER; HOEVELER, 2016, p. 59) alertam para a pauta anticorrupção, que não é nova nos movimentos sociais e que pode desestabilizar as forças internas do país possibilitando que forças externas expropriem as riquezas naturais do Brasil.

Os autores observam que outro fator importante nessa agenda é a melancolia provocada discursivamente, o que instiga a sensação de instabilidade dos cidadãos com o governo (o povo estaria sofrendo por conta de uma corrupção que é inseparável da política brasileira). A busca pela privatização de empresas estatais é apresentada por

alguns coletivos como a solução frente à corrupção enfrentada. Hoeveler e Melo observam que uma nova política está em andamento no país com tal agenda anticorrupção, uma política destinada à consagração de uma “pequena política”.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. De uma teia a outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In. ANTOUN, Henrique (org.) **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008a, p. 11 – 28.

ANTOUN, Henrique. A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural. **Revista Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 235-245, 2008b.

BARAN, Katna. Página do Vem Pra Rua Curitiba no Facebook é invadida no final de semana. In. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 01 fev. 2016. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/pagina-do-vem-pra-rua-curitiba-no-facebook-e-invadida-no-final-de-semana-d76ckkaezonf5silabwi81yi8>>. Acesso em 10 abr. 2017.

BEDINELLI, Talita. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências In. **El País**. São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html>. Acesso em 10 abr. 2017.

BETIM, Felipe. Um mar verde e amarelo em Copacabana pede o impeachment. In. **El País**. Rio de Janeiro, 15 mar. 2015. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/politica/1426471031_253793.html>. Acesso em 10 abr. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Machado da; TALENTO; Aguirre; REVERBEL, Paula. Movimentos antigoverno não revelam origem e volume de suas receitas. In. **Folha de S. Paulo**. São Paulo; Brasília, 03 abr. 2016. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1756887-shtml>>. Acesso em 10 abr. 2017.

GARCIA, Carolina. Bolsonaro é o mais indicado à Presidência, diz integrante do Revoltados Online. In. **Último segundo**. São Paulo, 13 mar. 2015. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-13/bolsonaro-e-o-mais-indicado-a-presidencia-diz-integrante-do-revoltados-online.html>>. Acesso em 10 abr. 2017.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-agosto, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 31/03/2017.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no século XXI**: antigos e novos atores. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HOEVELER; Rejane; MELO, Demian. A agenda anticorrupção e as armadilhas da “pequena política” In. DERMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 57-66.

LOPES, Pedro; SAGALLA, Vinícius Segalla. Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment. In. **UOL Notícias**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>. Acesso em 10 abr. 2017.

MATAIZ, Andreza; MORAIS, Marcelo de. Facebook tira do ar página pró-impeachment Revoltados Online. In. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 2016. Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/facebook-tira-do-ar-pagina-pro-impeachment-revoltados-online/>>. Acesso em 10 abr. 2017.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em 10 fev. 2017.

PESSOA, Gabriela Sá. Em São Paulo partido novo elege líder do movimento vem pra rua. In. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 04 out. 2016. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1819583-em-sao-paulo-partido-novo-elege-lider-do-movimento-vem-pra-rua.shtml>>. Acesso em 10 abr. 2017.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais**: um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América latina - caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/07.pdf>. Acesso em: 03/04/2017.

SCHREIBER, Mariana. Seis 'sem-mandato' que pavimentaram o processo de impeachment. In. **BBC Brasil**, Brasília, 27 ago. 2016. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37171468>>. Acesso em 10 abr. 2017.

SILVA, Diego. Os golpistas por detrás do Revoltados Online. In. **Penso que penso, logo desisto**. São Paulo, 28 jan. 2015. Disponível em <<http://pensoquepensologodesisto.blogspot.com.br/2015/01/os-golpistas-por-tras-do-revoltados.html>>. Acesso em 10 abr. 2017.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. People versus power bloc: elements for a dialogical analysis from nacional identity. Revista **Matrizes**, São Paulo, v.10, n. 3, p. 125-142, 2016.